

# A PRESENTAÇÃO

Caros leitores, a presente chamada propôs-se a publicar estudos originais de pesquisadores do Brasil e do exterior, que tivessem como objeto de investigação ficções de países de língua portuguesa. Partindo da premissa que a história é uma indagação sobre a verdade dos fatos produzidos por atores sociais, o resultado dessa atividade reflexiva é sempre parcial e está comprometido com o sujeito enunciador do discurso, com o tempo do discurso, com o público ao qual esse se destina. Nessa ordem, a ficção consiste na busca de uma “verdade”, que pode ter como objeto um acontecimento histórico que abstrai a experiência do ser humano com o seu passado. Nas representações, em que história e ficção emergem, a presença de um sujeito que expõe sua ideologia e, conseqüentemente, a de seu grupo e a de seu tempo igualmente se destaca. Assim, história e ficção são discursos elaborados por meio de uma narração que, situada em um tempo presente, os quais intentam resgatar e reestruturar a compreensão do passado. Ambos os discursos, nesse sentido, originam-se em uma construção imagética, cujas lacunas e silêncios devem ser preenchidos pelo leitor, que lida, simultaneamente, com o factual e o imaginado. Pode-se afirmar que, ao pensarmos as narrativas em língua portuguesa contemporâneas, desencontramos fronteiras objetivas, uma vez que a ficção se expressa por um movimento em que os discursos histórico e literário se cruzam, cabendo à última iluminar a realidade que lhe deu origem.

Abrimos o dossiê com as *Reflexões sobre a crítica pós-colonial e a questão da mestiçagem no romance Estação das chuvas*, de José Eduardo Agualusa, de autoria do professor José Luís Giovanoni Fornos, em que apresenta conceitos e temas da chamada crítica pós-colonial, recorrendo aos seus principais estudiosos. Nessa ordem, o autor realiza uma análise da ficção de Agualusa, considerando o tema da miscigenação. Para tanto, retoma um capítulo do livro em que duas personagens discutem o papel da literatura e da negritude no contexto de resistência angolana ao colonialismo português. As conclusões do debate referendam os posicionamentos favoráveis das personagens de Agualusa em torno da mestiçagem como elemento significativo da democracia social. Na sequência, José Paulo Cruz Pereira, da Universidade do Algarve apresenta o estudo intitulado *Mia Couto: Vinte e Zinco – ou “O Gozo da História”* no qual debate as questões políticas e culturais relacionadas, não apenas à ditadura de Salazar e de Marcelo Caetano, mas também com o regime colonial português em Moçambique. Partindo de uma análise das implicações do título, nela se examinam, com particular atenção, não apenas a modelação das personagens mais diretamente afetadas pelo poder instituído, mas também a daquelas mais próximas da instância da escrita.

Já n'A *mutação e a contemporaneidade narrativa em "Perdido de Volta"*, De Miguel Gullander, Carlos Giovanni Dutra Del Castillo lança um olhar sobre o romance *Perdido de volta* (2007), do luso-escandinavo Miguel Gullander, sob a perspectiva das transformações que os diversos personagens sofrem, na medida em que questionam suas próprias existências e o seu entorno. A temática da mutação, portanto, é simbolizada em

um célebre mito norueguês, o redemoinho *Maelström*, cujo paradigma cultural sintetiza a metáfora da transformação. Ressalta, ademais, os traços contemporâneos no estilo narrativo de Gullander que bifurcam as distintas histórias abordadas. Del Castillo aponta, categoricamente, para o intuito ficcional de seu objeto de nos fazer refletir, como leitores, acerca de uma filosofia de cunho metafísico, envolvendo os diversos personagens em tramas verdadeiramente transformadoras. Dos pesquisadores Cacio José Ferreira e Norival Bottos Júnior é a autoria de *A experiência marginal e o deslocamento nômade em Edward W. Said e Milton Hatoum*, estudo que tem o objetivo de estabelecer, para além do diálogo entre os dois intelectuais de origem árabe, uma reflexão sobre o modo como Hatoum, tendo sido bastante influenciado pela episteme do chamado pensamento “orientalista”, busca construir seus personagens e narradores nômades, paradoxalmente presos e em deslocamento constante, e mostrar como essa desterritorialização produz o problema da representação estética e política do mundo nas margens do Ocidente, como nos parece o caso da região amazônica. Os autores ressaltam, ainda, que o tema do deslocamento se configura como um dos principais objetos de Edward Said, no caso dos narradores em Milton Hatoum, percebe-se que o problema do intelectual contemporâneo, que deve assumir a fala do “outro”, parte de um espaço ocupado pelo nômade, uma vez que, sendo estrangeiros, seus narradores se apresentam como personagens que estão sempre nos “entre lugares”, “entre culturas” e “entre tempos”. O estudo traça uma cartografia que une o pensamento nômade desses intelectuais e ajuda a compreender o enigma de uma espécie de errância contínua dos narradores e personagens nos romances de Milton Hatoum.

Adriana Gonçalves da Silva assina o estudo *A impossibilidade de narrar em “Não falei” de Beatriz Bracher*, nele, a autora se debruça sobre a obra de Bracher lançada em 2004 que traz um protagonista inserido no âmbito da experiência pós-68, apresentando o agravante de sendo ele o narrador da obra, ver-se impossibilitado de fazê-lo. É através desse narrador, que se encontra traumatizado para exercer seu ofício, que a ficcionista pretende dar voz a uma geração que não consegue exprimir-se. Adriana deixa evidente que a narrativa se centra, portanto, na agonia do personagem que possui dificuldade para realizar um processo de retranscrição destas memórias, o que reconstrói literariamente o sofrimento de toda uma geração. Ao pensarmos os trânsitos imaginários e o sistema literário das literaturas escritas em língua portuguesa, podemos afirmar que Mía Couto é, atualmente, o ficcionista africano mais conhecido e estudado no Brasil. Sua vasta obra em prosa, marcada pela intensidade poética, tem na memória, individual e coletiva, um dos seus temas mais destacados.

Nessa ordem, os pesquisadores Marcelo Franz e Thiago Alexandre Correa apresentam o texto *“E todo silêncio é música em estado de gravidez”: representações do lembrar e do esquecer em “Antes de nascer o mundo”, de Mía Couto* no qual analisam a ficção do escritor moçambicano lançada em 2009. A trama é narrada e protagonizada pelo menino Mwanito, que descreve o exílio que sua família é obrigada a enfrentar por determinação de seu pai, Silvestre Vitalício. Os personagens são conduzidos para um território desprovido de qualquer contato social, o que gera em Mwanito e em seu irmão Ntunzi a experiência de um crescimento sem referências de um passado que os explique e oriente suas buscas no presente. Jerusalém, o mundo fechado onde vivem, é a metáfora do esquecimento imposto, motivado pelo trauma de um passado de dor e desolação do qual Silvestre Vitalício quer se desfazer e proteger (ainda que tiranicamente) seus filhos. No estudo, os autores discutem as variadas representações da memória e do esquecimento e

o significado que eles têm na poética de Couto, especificamente no romance em análise. Outra questão discutida é a importância da palavra como fator de resistência e humanização ante a força do silenciamento. Com a perspicácia crítica que é comum a sua produção, Anselmo Peres Alós apresenta aos leitores o texto *O corpo disciplinado: uma leitura de “Sargento Garcia”* (1982), de Caio Fernando Abreu no qual analisa o conto “Sargento Garcia”, do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu, publicado, pela primeira vez, em *Morangos mofados*, obra lançada em 1982. Alós usa as ferramentas analíticas advindas da narratologia, da teoria *queer* e dos estudos de gênero na conformação de sua análise, além de demonstrar como a ficção de Caio articula uma crítica ao regime da masculinidade hegemônica e à violência estatal no Brasil. Apresentando, também, uma visada crítica categórica, *O imaginário das nomadologias em Guimarães Rosa e Milton Hatoum*, de Amilton José Freire de Queiroz, examina o imaginário das nomadologias multiterritoriais nos contos *Orientação*, de Guimarães Rosa, e *Um oriental na vastidão*, de Milton Hatoum, concebendo-os como espaços textuais onde estão conjugadas a perspectiva do movimento transcultural e intercultural para figurar cidadanias, transferências e trocas interplanetárias. Fechando a seleção de artigos, temos a contribuição da professora Leila Lehnen, da Brown University, que assina o estudo *As ruínas urbanas de Daniel Galera*, o qual examina a cartografia da desilusão que transparece nas obras do escritor porto alegreense. Leila se debruça sobre dois romances: *Mãos de cavalo* (2006) e *Meia-noite e vinte* (2016). Nas duas obras, evidencia os protagonistas figurando como jovens desiludidos, que transitam pelas ruas da capital gaúcha. Nesses romances, pode-se ler, afirma ela, esse trânsito como uma metáfora de busca por um projeto de futuro – projeto este que não se cumpre de forma satisfatória. O tom melancólico dos dois romances sugere uma falta de horizontes utópicos tanto no plano pessoal, como no social e político. Para os protagonistas das ficções de Galera, a ideia de futuro se apresenta limitada, atrelada a uma cartografia urbana igualmente truncada tanto geográfica como simbolicamente.

Na sessão de resenhas, *As geografias do acaso cartografadas em Outras fronteiras*, de Ana Mafalda Leite, Gustavo Rückert atenta para o pensar o trânsito contemporâneo entre os países que compõem a Comunidade Lusófona, afirmando que é o deslocamento entre as fronteiras erigidas no contexto colonial que busca fixar identidades a partir das relações no âmbito da colonização. O autor afirma que Ana Mafalda Leite faz isso em *Outras fronteiras: fragmentos de narrativas*, tendo nascido em Portugal, a autora cresceu e iniciou seus estudos em Moçambique, de onde retornou para atualmente ocupar o posto de docente de Literaturas Africanas na Universidade de Lisboa. Apesar de ser mais reconhecida pelo público brasileiro em seu trabalho como pesquisadora e ensaísta, Ana Mafalda apresenta uma trajetória de mais de trinta anos de poesia. *Outras fronteiras*, publicada em 2017, é sua nona coletânea de poemas. É, porém, sua primeira obra poética publicada no Brasil. Professor Rückert chama atenção, ainda, para a qualidade do texto de Mafalda Leite. Demétrio Alves Paz assina a resenha *Filhos de Deus ou Cabo Verde revelado pelas vozes femininas de Dina Salústio*, em que aborda a obra de Bernardina de Oliveira Salústio, nascida em 1941, na Ilha de Santo Antão - Cabo Verde, e que é autora das obras *Mornas eram as noites* (1994), *A louca de Serrano* (1998), *A estrelinha Tlim, Tlim* (1998), *O que os olhos não veem* (2002), *Filha do Vento* (2009) e *Filhos de Deus* (2018). Além de escritora, o texto de Paz chama atenção às funções que Salústio desempenhou como a de professora, jornalista e assistente social. O autor deixa evidente que a autora faz parte de uma geração surgida a partir dos anos 80, ligada à revista *Ponto*

*e Virgula*, mas cujas raízes encontram-se nos anos 30 em escritores como Baltasar Lopes e Manuel Lopes, sendo seguidos entre os anos 40 e 70 por Teixeira de Sousa, Manuel Ferreira, António Aurélio Gonçalves, Luís Romano, Teobaldo Virgínio, Gabriel Mariano e Orlanda Amarilis, entre outros. Além desses textos, ainda apresentamos, para o leitor, uma entrevista reveladora da poética e do processo da criação pictórica de Alejandro Pasquale, de autoria da professora e pesquisadora Cristiane Weber. Esses estudos não conseguem, caros leitores, lançar luz, obviamente, a toda estrutura sistêmica das literaturas escritas em língua portuguesa, contudo, iluminam pequenos rincões, pedaços de terra e mar, e nos permite ver quanta escuridão, ainda, recai sobre o imaginário social dos países colonizados por Portugal, sobre seus sujeitos e sobre suas escrituras.

*Daniel Conte*  
*Demétrio Alves Paz*  
*Gustavo Rückert*  
Organizadores